

Em 2009 o Grupo de Trabalho 'O Movimento Psicanalítico e a Transmissão em Psicanálise' participou de duas Tardes Polêmicas - atividade semanal promovida pelo EBEP, às sextas-feiras - com o objetivo de colocar em discussão num espaço mais amplo, o trabalho de pesquisa efetuado pelo grupo durante o ano. Os textos abaixo foram realizados com o intuito de introduzir os temas a serem debatidos.

Tarde Polêmica - 26/06/09

### O Movimento Psicanalítico e a Transmissão em Psicanálise

"A história é o que nos separa de nós mesmos, e o que devemos transpor e atravessar para nos pensarmos a nós mesmos". Deleuze, 119.

De acordo com os livros *Doença Mental e Psicologia* (1984) e *A História da Loucura* (1991) escritos por Foucault podemos, de forma sucinta, descrever o período que vai da Antiguidade ao Renascimento (XVI) como um tempo onde a experiência da loucura teria tido a função de revelação e o poder de enunciar a verdade - onde "... a loucura é no essencial experimentada em estado livre, ou seja, ela circula, faz parte do cenário e da linguagem comuns, (e) é para cada um uma experiência cotidiana que se procura mais exaltar do que dominar" Foucault 1991, 78.

Nos primórdios da Idade Clássica (XVII a XVIII) a loucura foi colocada na exterioridade da razão, pensada como perda absoluta e irremediável desta e, conseqüentemente, identificada com a desrazão. Este é o momento dos Hospitais Gerais onde os loucos, os mendigos, os vagabundos, os inválidos pobres, os depravados de toda espécie, enfim, todos aqueles que evidenciavam alterações em relação à ordem da razão, às regras da moral e as leis da sociedade, todos os excluídos do campo social foram encerrados - 'O mundo da loucura vai tornar-se o mundo da exclusão'. Foucault, 1984, 78.

Mais adiante, no final do sec. XVIII, início do sec. XIX a loucura surge como alienação, ou seja, como um deslocamento que se dá no eixo razão/desrazão. O longo tempo de convívio com os portadores de doenças venéreas, libertinos e criminosos, no internamento indiscriminado que se deu no momento anterior, possibilitou a criação de um parentesco do louco com as culpas morais e sociais. Nestes termos, enquanto razão alienada, a loucura passa a ser reconhecida como um erro, um desvio em relação a uma

norma, mundo das paixões alteradas, descontroladas, onde o patológico pode ser presumido pela distância entre a conduta socialmente estabelecida e o comportamento apresentado. A adequação do eu aos objetos do mundo é, neste momento histórico, o critério de diferenciação da loucura. Localizar a loucura no registro da alienação/desalienação vai permitir que esta seja instituída como doença mental, estruturada nos mesmos termos de uma doença orgânica, compreendida como uma essência natural que se manifesta por sintomas específicos, sendo assim, passível de tratamento e de cura. É, neste contexto, que a psiquiatria se constitui como um saber específico sobre a loucura e busca se legitimar como discurso médico propondo a cura da alienação através do tratamento moral. A razão funciona, agora, como um princípio ordenador e disciplinar onde a experiência trágica da loucura cede lugar a experiência crítica com a proposta de um mundo domesticado. Surgem os asilos psiquiátricos, espaços de acolhimento dos alienados, onde os médicos, figuras onipotentes, são encarregados de vigiar a fronteira entre a razão e a loucura e os alienados são permanentemente observados nos menores detalhes, num controle social estrito sobre qualquer desvio de ordem moral.

Na segunda metade do século XIX, a teoria da degeneração e a teoria da hereditariedade ganham relevância dando ênfase a causalidade somática enquanto origem da doença mental. No entanto, mesmo neste contexto, a doença mental continua a ser identificada através dos transtornos psíquicos, das manifestações mórbidas, sendo que são os sintomas que vão definir as entidades patológicas.

Nestes termos queremos destacar uma linha de continuidade que perpassa, desde a Idade Clássica, as diferentes formas de entendimento da loucura. Apesar de se diferenciarem quanto à compreensão da origem dos distúrbios mentais, todas estas abordagens, loucura enquanto desrazão, alienação/desalienação, os somaticistas, estão em conformidade com as idéias desenvolvidas por Descartes que, no sec. XIV, ao pensar a razão humana como "uma luz natural que o homem possui em si..." Marcondes, 164, defende o pensamento como fundamento e prioriza o sujeito como pensante. De acordo com o paradigma racionalista o eu, a consciência, o pensamento tem um lugar de supremacia e é por este viés que é pensada a subjetividade neste contexto. Assim, podemos constatar que a leitura feita pela psiquiatria, pela psicologia clássica, neste período, estava inteiramente de acordo com o pensamento vigente da época que compreendia a consciência como soberana e o eu como autônomo e considerava "o que é mental como idêntico ao que é consciente". Freud, 1917 (177).

É neste contexto que Freud vai provocar uma subversão no campo dos saberes sobre o psíquico quando através da clínica das histéricas, através

da escuta de suas pacientes vai propor a existência de atos psíquicos que carecem de consciência e que são determinantes nos processos mentais. Afirmar a existência dos processos psíquicos inconscientes significa romper com a crença na superioridade do homem que, até então, afirmava-se enquanto um ser de razão. Destituir a consciência de seu lugar de soberania, invocá-la apenas como um dos aspectos do elemento psíquico, afirmar que o "eu não é senhor da sua própria casa" Freud, 1917 (178), provocará uma grande ferida narcísica no seio da humanidade, ferida aberta a qual, acreditamos, ainda hoje o homem obstina-se em assimilar.

Marielena Legey

#### BIBLIOGRAFIA:

Birman, Joel. Freud & a Filosofia. Rio de Janeiro:....., 2003

Deleuze, G. A vida como obra de arte. In:Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

Foucault, M. Doença Mental e Psicologia, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

História da Loucura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

Transgressões criativas em instituições psicanalíticas, há possibilidade?

Quando Maud Mannoni, (1979) defende a teoria como ficção e Roustang, (1976) propõe a teoria como delírio de muitos, colocando em relevo o caráter fantasmático, fabulatório, interpretativo destas construções, e dando, assim, destaque ao processo metafórico subjacente, têm ambos um objetivo comum, que é demarcar o quanto a experiência psicanalítica (encontro analista-analisando) é matriz e eixo de toda articulação teórica. Estes autores, ao resgatar e firmar o vínculo originário da teorização psicanalítica com a experiência clínica, buscam não deixar perder-se sob o peso de uma recusa - "eu sei, mas mesmo assim"<sup>1</sup> - o fato de que a teorização em psicanálise é um fazer *à posteriori*, inteiramente enraizado e aderido à clínica, e de que a transmissão do seu saber e sua conseqüente institucionalização só se tornam possíveis dentro destes mesmos critérios, ou seja, pelo exercício efetivo da psicanálise.

Em outros termos, mas com resultados semelhantes (marcar a linha de continuidade, firmar a identidade comum do processo analítico e da teorização e da transmissão), Pontalis, (1991), 107 nos permite ampliar a questão quando afirma que a psicanálise é uma disciplina essencialmente migrante, "um movimento, mais do que uma instituição (...) um movimento que como a terapia avança por desvios e inflexões, procede por espirais, tem paradas e progressos".

Podemos observar nestas abordagens como o deslocamento da energia pulsional, sua plasticidade, sua capacidade de metaforização, sua possibilidade de ligação a novos objetos ganham destaque enquanto forma genuína e peculiar de constituição do aparelho psíquico, sua maneira efetiva de ganhar corpo, de encorpar. Este movimento de migração pode ser assim considerado como essência dos processos de subjetivação e naturalmente o fundamento, o motor da experiência psicanalítica.

Propiciar o deslizamento da força pulsional, tornar dizível o indizível, favorecer a inscrição da força pulsional no universo da representação é, nestes termos, a proposição básica do fazer psicanalítico.

Piera Aulagnier, 1979, 27 ilustra de forma muito clara este tornar-se psíquico quando descreve os processos de metaforização das pulsões como equivalentes à metabolização própria à atividade orgânica, onde "um

---

<sup>1</sup> Mannoni, O. Eu sei mas mesmo assim. In: Psicose: uma leitura psicanalítica, org. Chaim, S. K. 183

elemento heterogêneo à estrutura celular é rejeitado ou, ao contrário, transformado num material que se torna a ela homogêneo”.

É diante deste elemento heterogêneo, não assimilável de imediato, que revela a ausência de uma equivalência apaziguadora entre o registro da força pulsional e o registro da representação e diante da precariedade do aparelho psíquico, que toda uma construção se faz necessária. A defasagem que se apresenta entre estes dois registros se impõe, através da força pulsional constante, como exigência de trabalho, gerando um movimento de expansão das pulsões que se realiza pela absorção do mundo externo e sua respectiva metabolização e apropriação.

Contudo, diante da ferida narcísica aberta por estas descobertas - que implicam o reconhecimento de que somos regidos por processos que desconhecemos, processos inconscientes, sobre os quais não temos nenhum controle e que nos projetam numa errância permanente -, nos obstinamos, por vezes, a manter a crença na realização onipotente dos nossos desejos, de maneira a preservar o júbilo que advém da recusa desta percepção. Neste contexto, o fundamental da experiência psicanalítica se perde, os textos ganham o estatuto de objetos fetiche, a teoria se institui como sistema de defesa dando lugar ao dogmatismo; a figura do analista deixa de funcionar como um objeto anódino, circunstancial, suporte ocasional, ou, nas palavras de Ferenczi, 1991, 80 deixa de “atuar como catalisador que atrai *provisoriamente* afetos liberados”. pelo processo analítico, para se congelar no lugar do suposto saber, se enrijecer enquanto portador de uma palavra unívoca e, assim, se colocar a serviço da manutenção de um saber e de um poder instituído que produz e sustenta, simultaneamente, a grande desamarração que constatamos nos dias atuais entre a clínica e a teoria e a transmissão.

### Marielena Legey

#### Bibliografia

Aulagnier, Piera. A Violência da interpretação: do pictograma ao enunciado, Rio de Janeiro: Imago, 1979.

Ferenczi, S. Sandor Ferenczi Obras Completas, vol. I, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Mannoni, M. A Teoria Como Ficção, Rio de Janeiro: Freud, Groddeck, Winnicott, Lacan, Rio de Janeiro: Campus, 1986.

Mannoni, O. Eu sei mas mesmo assim In: Psicose: uma leitura psicanalítica, org. Katz. C. S. São Paulo: Escuta, 1991.

Roustang, F. Um Destino Tão Funesto, Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1987.

Pontalis, J.B. A Força de Atração, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1991.

